

Sessão 3 – Prioridades da investigação clínica para a inovação

Tema: 3. Prioridades da investigação clínica para a inovação

Pitches: 7 | **Participantes:** 122

Questões principais do debate

- A AI² não deve “inventar a roda” na definição de prioridades na Saúde: tem de contar com o Ministério da Saúde, políticas em curso, doentes e sociedade civil, e partir dos problemas reais do país (“pensar na nossa sociedade e não nas dos outros”).
- Propostas da AICIB (com DGS, INFARMED, etc.): porta de entrada única para *clinical studies* e criação de um fundo nacional para a investigação clínica.
- Assunção de que a Saúde será um dos domínios estratégicos.
- Ecossistema muito fragmentado, com silos que não comunicam e trabalho duplicado; necessidade de superar nichos.
- Necessidade de captar financiamento estrangeiro – o investimento nacional não é suficiente.
- Coesão territorial e soberania como fundamentais: capacidade local para garantir sustentabilidade.
- Projetos que cubram todo o ciclo da inovação, com impacto e resultados mensuráveis; participação das CSH nos consórcios.
- Papel dos reguladores na implementação de novos ensaios e estudos clínicos e valor da sinergia.
- Interação dos investigadores com as ULS, apoio à comunidade e aos centros, e atenção da AI² às infraestruturas já existentes.
- O IHI (*Innovative Health Initiative*) da CE como modelo de referência para AICIB/AI², com projetos de maior dimensão (na ordem de milhões, em vez de 250 k€).
- Importância dos dados do mundo real/nacionais; a investigação clínica não é só ensaios clínicos (complementaridade com a restante investigação); capacitação e envolvimento das associações de doentes.

Consenso / contraditório: Elevado consenso alargado.

4 propostas concretas

- Estabelecer um modelo de governança para a investigação clínica que articule AI², AICIB, DGS, INFARMED, academia, indústria e reguladores.
- Definir a agenda de investigação aplicada a partir dos problemas reais da Saúde em Portugal e das políticas do Ministério da Saúde, usando dados clínicos nacionais e as infraestruturas já existentes.
- Criar instrumentos de financiamento ajustados a cada tipo de investigação clínica e de inovação em saúde.
- Afirmar Portugal como polo de excelência internacional, criando um portal único de *clinical studies* e um Fundo nacional para a investigação clínica.

Ideia mais transformativa: Dotar o país de um fundo nacional e de uma porta de entrada única para a investigação clínica que, ancorados na realidade e nos dados nacionais, elevem a excelência científica e coloquem o benefício para os doentes no centro.